

Amaz

30/05



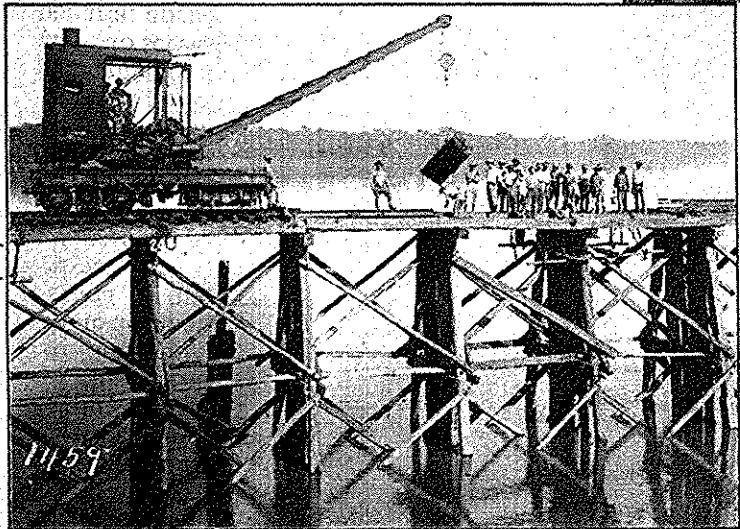
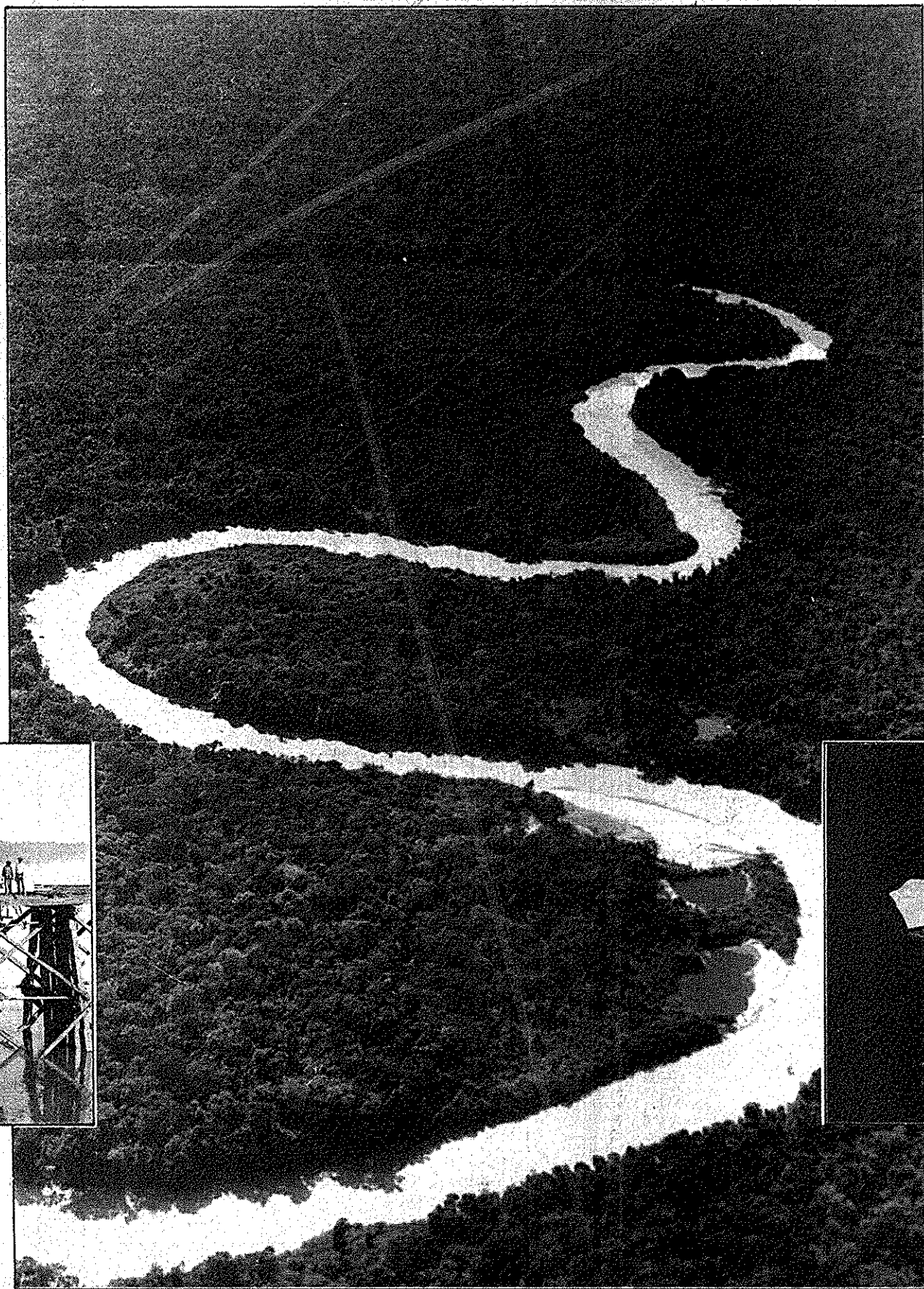
Arquivo/AE

Quando esteve na região, no início do século, Oswaldo Cruz exigiu do governo federal um seguro de vida de 200 contos de réis.



Arquivo/AE

Para Carlos Chagas, que também trabalhou na região, a tradição de insalubridade acabou transformando a Amazônia em "terra inabitável".



As endemias amazônicas dizimaram duas das equipes de construção da Madeira-Mamoré.



Borrifação contra a febre amarela: trabalho executado sem regularidade pela Sucam.

# AMAZÔNIA, DOENTE HÁ UM SÉCULO.

Quase cem anos depois do alerta de Oswaldo Cruz, as endemias amazônicas continuam matando por falta de saneamento básico na região.

MÁRCIA TURCATO/AE

A região amazônica não é um lugar para o homem. O progresso humano ali é efêmero e provisório, como a face incerta do rio e das terras que ele forma, arruinando e construindo incessantemente. Estas observações estão no diário de bordo do escritor e engenheiro Euclides da Cunha, ao navegar pelos rios do Norte do País no final do século passado. Ele também descreveu a migração para a Amazônia como "uma tortura, um esforço em vão diante de uma natureza malvada, que só perdoa os que lhe conseguem fugir a tempo".

Quase um século depois, as anotações de Euclides da Cunha conservam a atualidade. As doenças infecto-parasitárias e intestinais atingem centenas de pessoas por falta de saneamento básico. Noventa por cento delas ocorrem na região amazônica, onde apenas 4% da área são servidas por redes de esgoto. A malária, apenas no Estado do Amazonas, fez 943 vítimas fatais em 1985, ano em que o Ministério da Saúde editou o último volume do manual "Estatística de Mortalidade no Brasil". Hoje, somase às endemias da região a ameaça da cólera, que matou mais de mil pessoas no Peru, do outro lado do rio Solimões. No território nacional foram registrados até o momento 15 casos da doença, nenhum fatal. O epidemiologista Carlos Chagas, que também trabalhou no Norte do país, chegou a declarar: "Do ponto de vista médico, a região permanece ignorada, criando uma tradição de insalubridade que faz da Amazônia uma terra inabitável".

Em 1910, o epidemiologista Oswaldo Cruz e o médico Carlos Lovelace confirmariam a impressão provocada em Euclides da Cunha, mas atribuíram as dificuldades enfrentadas pelo homem à falta de saneamento na região e não à força da natureza.

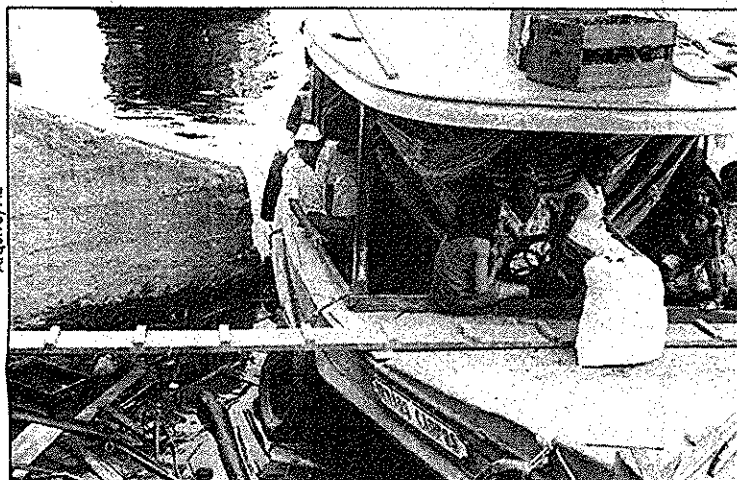
### Seguro de vida

Oswaldo Cruz e uma equipe de biomédicos foram contratados pelo governo federal para traçar a estratégia de luta contra as epidemias amazônicas. Na época, para cumprir a missão — realizada num "navio-gaiola" —, o sanitarista exigiu um seguro de vida de duzentos contos de réis. O objetivo era acabar com as doenças que haviam dizimado os trabalhadores de duas equipes empenhadas na construção da ferrovia Madeira-Mamoré, ligando a Bolívia a Porto Velho, como resultado do Tratado de



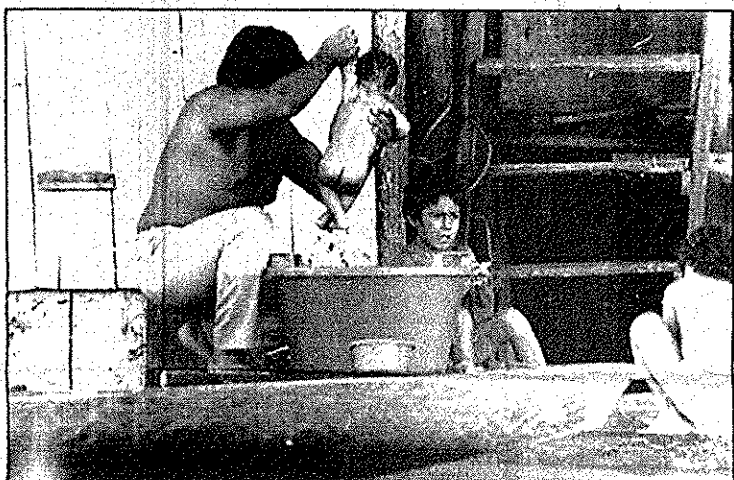
Arquivo/AE

Uma criança se banha nas águas contaminadas pela cólera, em Iquitos, no Peru.



Arquivo/AE

As condições sanitárias da região são as mesmas, quase cem anos após o alerta de Cruz.



Arquivo/AE

Cena peruana: o pai banha o filho nas águas poluídas da periferia de Iquitos.

Petrópolis, de 1907. A concessão da obra ficou a cargo da Madeira-Mamoré Railway Company.

Ao encerrar o trabalho, em relatório publicado em 1913, Oswaldo Cruz recomendou a "intensificação de trabalhos de pesquisa, em medicina experimental, para definir os problemas que aguardam solução". Além das infecções dos aparelhos estomacal e intestinal, o sanitarista registrou grande incidência de lepra, que se mantém até hoje na região, sífilis, malária e casos de cólera. Ao final do rela-

tório, Cruz afirma: "Para se manterem desenvolvidos, os lugares só terão sucesso através da higiene do corpo e do meio, especialmente aplicando o binômio: privada/água encanada".

Grças à adoção do esquema recomendado por Oswaldo Cruz para os trabalhadores da ferrovia, os primeiros 40 quilômetros da Madeira-Mamoré foram inaugurados em 1º de agosto de 1912. A obra, entretanto, previa a execução de 500 quilômetros de trilhos. A partir de 1914, porém, os interesses eco-

nômicos do governo foram alterados e a ferrovia acabou abandonada.

### Sugestões abandonadas

O sucesso do trabalho sanitário de Oswaldo Cruz, na ferrovia, lhe deu fama para ser contratado pelos governadores dos Estados do Pará e Amazonas, de 1913 a 1915, para a erradicação de doenças endêmicas como a febre amarela. Entretanto, as medidas sugeridas pelo médico para acabar com diversos males

não foram seguidas pelas autoridades. Cruz propôs, por exemplo, que o governo fizesse campanhas recomendando à população o consumo apenas de água fervida, que distribuisse calçados às crianças, construísse fossas sanitárias e ensinasse noções básicas de higiene nas escolas e locais de trabalho.

Passados 76 anos, os sanitaristas continuam fazendo as mesmas recomendações, jamais adotadas pelos governantes. O engenheiro Sadi Coutinho Filho, da Fundação do Serviço de Saúde Pública do Ministério da Saúde, pretende construir em Tabatinga (AM), fronteira do Brasil com Peru e Bolívia, e em mais sete municípios da região, 11.500 privadas para diminuir a incidência de doenças intestinais na área, como a cólera. Para tanto, o governo anunciou a liberação de Cr\$ 1,5 bilhão. Porém, para todo o programa emergencial de combate a um possível surto de cólera no Brasil, o ministro da Saúde, Alcení Guerra, tem reservados Cr\$ 20 bilhões, a maior parte a ser aplicada na região Norte.

O projeto do engenheiro Coutinho Filho e da equipe de sanitaristas do Ministério da Saúde é semelhante ao de Oswaldo Cruz, já que as condições de higiene no País são praticamente as mesmas, mais de meio século após a primeira expedição à região Norte. Apenas 35% da população brasileira são servidas por rede pública de esgoto, enquanto 100 milhões de pessoas não contam com este serviço. Nas periferias dos grandes centros urbanos, somente 27% dos moradores dispõem de água encanada. Em consequência, 35% das crianças brasileiras levadas aos consultórios médicos apresentam diarreia. Entre zero e quatro anos de idade, de cada 10 crianças que vão ao médico, três têm diarreia crônica, afirma o médico Carlos Alberto Queiroz, da Fundação do Serviço de Saúde Pública do Ministério da Saúde.

Os programas governamentais de saúde, com caráter emergencial — como os de vacinação, combate à cólera ou à Aids — não têm mostrado resultado favorável, constata o médico e deputado federal Sérgio Arouca (PCB/RJ). Em 1918, o sanitarista Oswaldo Cruz fazia as seguintes observações em relatório enviado ao governo federal:

"A sucessão de organismos encarregados ou criados para o saneamento mostra a nocividade dos programas a curto prazo, que geram, inclusive, a descrença geral da população na eficiência das campanhas que começam hoje para acabar amanhã, na volta de um novo grupo de implantação que, poucas vezes, deixam raízes nas cidades e vilas por onde passam".